

A REPRESENTAÇÃO DE CAPITU NAS CAPAS DE *DOM CASMURRO*

Júlia Cravo da Silva¹
julia.cravo.silva@gmail.com
Larissa Mezari Pacheco²
larissamezari@gmail.com

Ela é universal como literatura e como perfil de mulher. Indo além do que já ousei e me arrisquei nestes parágrafos, intuo que, embora o Brasil seja nome masculino, nosso país, por nossa complexidade oblíqua, energética, misteriosa, pela nossa História contada sempre de uma forma tão dissimulada e pelo fascínio tão decantado de nossos trópicos, é, no fundo, uma nação Capitu.
Fernanda Montenegro

RESUMO

O presente artigo se propõe a discutir a influência das capas de livros no horizonte de expectativas do leitor, analisando o discurso imagético nas capas do livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e a representação da personagem Capitolina nas mesmas. Três capas do livro são analisadas e problematizadas a fim de saber se elas induzem (ou não) a interpretação sobre a personagem. Ao observar o *corpus* pôde-se perceber a falta de neutralidade das editoras, visto que a personagem Capitu é representada como uma mulher frágil, na maioria das vezes com o rosto longe ou desfocado. A análise revela ainda que determinadas capas induzem o leitor a pensar que Capitu traiu Bentinho, enquanto outras romantizam a figura desta, o que vai de encontro ao estilo crítico e realista do autor nesse contexto. A personagem também é descrita como um enigma, enigma esse que as editoras decifraram e colocaram na capa, limitando-a já no primeiro contato do leitor com o livro, pelas capas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, História, Mulher, Discurso imagético.

THE REPRESENTATION OF CAPITU IN THE BOOK COVERS OF *DOM CASMURRO*

ABSTRACT

This article aims to discuss the influence of the book covers in the reader's horizon perspective analyzing the imagetic discourse in the book covers of Machado de Assis' novel *Dom Casmurro* and the representation of the character Capitolina in its book cover images. Three book covers are analyzed and problematized in order to know if they can persuade (or no) the interpretation of the readers about the character Capitolina. The corpus analysis reveals the publishing companies' lack of neutrality as the character Capitu is represented as a fragile woman, in the most of times with her face far way or unfocused. The analysis also reveals that some book covers persuade the reader's to think that Capitu betrayed Bentinho, meanwhile other book covers romanticize her image, which is the reverse of the critic and realistic style of the author in this context. The character of Capitu is also described as an enigma, an enigma that

¹ Graduada em Letras: Português pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

² Graduada em Letras: Português pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

is deciphered and put on the book covers by the publishing companies, limiting the interpretations of reader about the character Capitu in the very first moment of the reader's contact with her, by the book covers.

KEYWORDS: Brazilian Literature; History; Woman; Imagetic Discourse.

1 Introdução

Em *Dom Casmurro*, a personagem Capitulina é descrita como um enigma, entretanto, ao analisar diversas capas de diferentes edições, percebemos que as descrições do autor nem sempre convergem com a estética apresentada por elas, visto que algumas dessas acabam por ser tendenciosas e podem induzir (ou não) a uma interpretação sobre o julgamento da personagem principal. Entre o texto não verbal, representado pela imagem das capas, e o discurso verbal de Machado de Assis, há uma relação que pode influenciar diretamente o *horizonte de expectativas* do leitor, conceito trazido por Jauss (1994) e Zilberman (2008).

Para entender melhor esse diálogo entre imagem e texto verbal, usamos como apoio o conceito de texto imagético, de Benites (2010). Diante disso, os objetivos propostos neste estudo foram respectivamente analisar e problematizar algumas capas de diferentes edições de *Dom Casmurro*, e, nelas, observar as diferentes representações da personagem Capitu, levantando debate sobre como as estéticas das capas podem induzir (ou não) na interpretação sobre Capitu, questionando, ainda, o teor da representação da mulher. Esta pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico e qualitativo.

2 Referencial teórico

Discorrer-se-á no referencial teórico sobre alguns conceitos que são caros para essa pesquisa, sendo eles: horizonte de *expectativas* e *discurso imagético*. Conceitos que acabam por interferir na representação da mulher diante da literatura e da sociedade. E, por fim, conceitos que serão utilizados para a análise das capas do romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis.

2.1 Horizonte de expectativas

Ao analisar brevemente diversas capas do romance *Dom Casmurro*, percebeu-se a

Revista Linguagem, Ensino e Educação, Criciúma, v. 2, n. 1, jul. – dez. 2017

urgência de refletir criticamente sobre o conteúdo apresentado por elas. Algumas das representações de Capitu, personagem de suma importância no desenvolver da trama, aparecem representadas de maneira tendenciosa. Tanto em aspectos físicos quanto em aspectos morais. O desenvolvimento de uma representação visual de um livro, isto é, de uma capa, deveria ser neutro ou, ao menos, corresponder às propostas do escritor. Não obstante, as capas que serão analisadas carregam nelas, além de uma apresentação com aspectos ideológicos, fortes interpretações pré-determinadas feitas pelos responsáveis pelas capas. Hans Robert Jauss aponta que:

O horizonte de expectativas da literatura distingue-se do horizonte de expectativas da vida prática histórica, porque não só conserva experiências passadas, mas também antecipa a possibilidade irrealizada, alarga o campo limitado do comportamento social a novos desejos, aspirações e objetivos e com isso abre caminho à experiência futura. (JAUSS, 1976, p.204-205.).

Com isso, se entende o movimento proposto no argumento discorrido acima, uma urgência em refletir se faz necessária para que os equívocos estéticos das referidas capas não interfiram nos horizontes de expectativas dos leitores e não perpetuem discursos distorcidos sobre as mulheres. No entanto, vale ressaltar como o *horizonte de expectativas* funciona em contato com o leitor. Jauss mostra que.

[...]saber prévio, ele próprio um momento dessa experiência, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial. Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a —meio e fiml, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então e não antes disso —, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p.31)

Em suma, como se ressalta nos grifos acima, o *horizonte de expectativas* é trazido ao leitor anteriormente ao seu contato com o texto verbalizado, interferindo assim na sua interpretação sobre o texto e em tudo o que nele contém. Ademais, acredita-se que essas indicações implícitas são de fato, neste estudo, as capas do romance.

2.2 Discurso imagético

Para que a pesquisa se torne mais consistente, trouxe-se para o estudo um conceito de Benites (2010) intitulado *Discurso Imagético*. Conceito este que advém dos estudos do

Revista Linguagem, Ensino e Educação, Criciúma, v. 2, n. 1, jul. – dez. 2017

discurso e, mais precisamente, dos estudos de linha francesa do discurso. Entretanto, foi-se trazido para cá com o intuito de, a partir dele, fazer-se uma análise mais consistente do discurso não-verbal implícito nas capas de algumas edições do romance *Dom Casmurro*.

Lembra-se, novamente, que os discursos não são apenas verbais, eles podem - e o fazem- se materializar em forma de discursos imagéticos, isto é, por meio de imagens. Conforme aponta Orlandi –Como sabemos, o texto não é apenas uma frase longa ou uma soma de frases. Ele é uma totalidade com sua qualidade particular, com sua natureza específica.‖ (ORLANDI, p.18, 2003).

Cabe também ressaltar que há, nesse processo, estratégias que auxiliam no momento da persuasão de determinados discursos. Sendo elas, algumas distribuições estéticas feitas pelos editores das capas. Benites aponta que:

O jogo de formas, cores, luz, sombra, o ângulo da câmara, os contrastes, os espaços e os elementos da paisagem têm um papel semelhante às vozes explícitas e implícitas no texto, o que implica dizer que são dispositivos que interferem na atribuição de sentidos às fotografias. (IDEM, 2010 p. 9)

Não obstante, as imagens exercem, por sua vez, relações de poder e por conseguinte, de influência. Dito isso, traz-se para o debate Benites, que trata o discurso imagético como sendo:

[...] uma relação silenciosa, estabelecida entre o olhar e os objetos, cuja forma de representação e simbologia mexem com nossos sentimentos, moldam nossa forma de pensar e reforçam mitos e estereótipos presentes em nosso inconsciente. (BENITES, 2010, p. 5.)

Portanto, a preocupação estabelecida ao ler Benites, faz com que, a justificativa do trabalho se apresente novamente. A seguir, mostrar-se-á, durante a análise de dados, como o *discurso imagético* estabelecido nas capas influencia diretamente no *horizonte de expectativas* do leitor do romance literário.

2.3 Representação da Mulher

Em um segundo momento, passou-se a perceber que ao representar Capitu de determinadas formas, não era apenas o comprometimento da leitura e das interpretações dos leitores que estava em jogo, e sim, um aspecto de dimensão maior, de cunho sociopolítico, a representação da mulher. Regina Zilberman faz um apontamento sobre a coragem que Machado de Assis teve ao retratar Capitu como o fez, por ter o feito em um momento

histórico em que a mulher não passava do lado fraco da força e a opressão se fazia presente descaradamente, Zilberman ressalta:

O romance acaba por abalar as certezas que se poderia ter em relação a seu assunto, já que o juízo relativamente à infidelidade conjugal de Capitu fica em suspenso. Por essa atitude, pode-se medir a coragem de Machado de Assis ao tratar a questão; afinal, seus precursores, entre os quais os renomados Gustave Flaubert e Eça de Queirós, não titubearam ao condenar as esposas pérfidas, pois essas prevaricam aos olhos do leitor. Além disso, a sociedade brasileira da época de Machado era fortemente machista, e a mera suspeita de adultério era motivo suficiente para um marido condenar a esposa. (ZILBERMAN, 2008, p. 95).

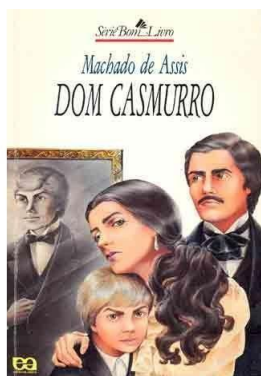
Por conta disso, vale problematizar as capas do romance que circulam pelo âmbito nacional. Não se descarta a multiplicidade de interpretações que o leitor pode fazer do romance, tanto que o ponto crucial aqui posto não é esse. Porém, acredita-se que editoras deveriam ser mais neutras e não compor um arsenal de julgamentos para com a personagem Capitu (que representa a figura da mulher).

Ao fazer uma breve análise das capas percebe-se a falta de neutralidade das editoras e a capacidade que elas têm para (talvez) induzir uma interpretação do leitor. A mulher representada nas capas não condiz com a mulher descrita no livro.

3 Análise de dados

Para que se possa relacionar teoria e prática, passar-se-á nesse momento para a análise de dados, onde se tentará mostrar empiricamente o que se veio discutindo até o momento. Analisar-se-á três capas do romance de Machado de Assis, *Dom Casmurro*. Lembra-se, no entanto, que somente capas de edições brasileiras compuseram a *corpura* dessa pesquisa.

Figura 1: Dom Casmurro

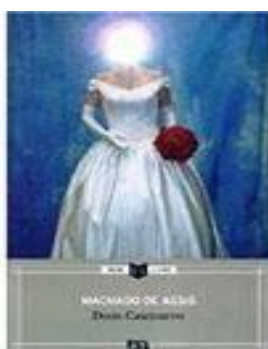


Fonte: skoob.com.br

Para que o leitor dessa pesquisa possa se situar diante dessa problemática, analisar-se-á a capa acima. Um dos pontos cruciais para entender o movimento que se dá nessas capas é o fato de Capitu geralmente ser representada em sua fase adulta, sendo que, grande parte do livro se desenvolve durante a adolescência de Bentinho e de Capitu, e ao fazer, brevemente, a análise percebe-se a irrelevância desse primeiro apontamento.

Nessa capa desenvolvida pela Editora Ática no ano de 2002 é que se encontra um dos pontos altos da pesquisa. Essa capa de *Dom Casmurro* é inteiramente tendenciosa, e interfere crucialmente no horizonte de expectativa do leitor. Aspectos há de serem ressaltados: na capa, há a representação de quatro personas, sendo elas respectivamente da esquerda para a direita, Escobar, Ezequiel, Capitolina e Bento Santiago. Na trama de Machado de Assis, Bentinho desenvolve um ciúme doentio por Capitu e suspeita de uma traição dela com seu melhor amigo, Escobar (que na capa, aparece em uma fotografia na parede). Entende-se nesse presente estudo que o leitor deveria necessariamente fazer a leitura integral da obra para tirar suas próprias conclusões, entretanto, a estética da capa produzida pela editora Ática, pré-determina (talvez) a interpretação do leitor, pois na figura reproduzida de Ezequiel, filho de Capitu e de Bentinho (?) a criança aparece representada com aspectos físicos extremamente semelhantes à figura de Escobar retratada na fotografia. Portanto, a figura de Capitu representada nessa capa é de uma mulher desviante, adúltera e cínica.

Figura 2: Dom Casmurro



Fonte: Editora Atica Scipione

Muitas das capas as quais se tem acesso mostram uma Capitu narcisista, uma Capitu interessada apenas em ascensão social. Capas em que a cena do casamento, ou Capitu vestida de noiva está estampada junto ao título do livro, como mostra a imagem 2, por exemplo. Capas em que o chapéu na cabeça de Capitu se torna indispensável, remetendo ao lugar da mulher casada na sociedade do século XIX. Capas que não condizem com a

descrição estética dada pelo narrador no romance, capas que trazem Capitu como uma boneca de porcelana e não como uma mulher forte e determinada como no livro. Ao fazer um link com essa última afirmação descrita, pode-se perceber mais um ponto relevante a essa presente análise: talvez um dos motivos que faz com que grande maioria dos leitores e críticos acreditem na traição de Capitu e Escobar se dá por essas características fortes da personalidade da personagem, características que não costumavam aparecer nas descrições literárias sobre a mulher nos escritos do século XIX. Em *Dom Casmurro*, Capitu era Capitu, um enigma:

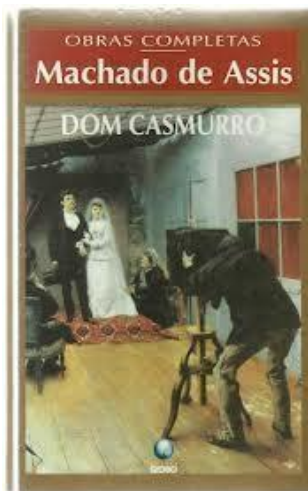
Capitu era capitu, isto é, uma criatura muito peculiar, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição. (ASSIS, 1994, p.30)

Sabe-se que a trama é uma ficção, mas entende-se também que há um olhar imposto na representação dada pelas editoras e um olhar implícito da sociedade, olhar, ao que parece, de cunho machista e precipitado. Se Machado de Assis escreve *Dom Casmurro* em um contexto histórico em que o machismo era predominante, e ao retratar Capitu como mais mulher do que Bentinho era capaz de ser homem, revolucionou a Literatura, por que edições do livro de Assis no século XX, e também em pleno século XXI, trazem em seu discurso não-verbal referenciados em suas respectivas capas, discursos presunçosos sobre Capitu e conseqüentemente sobre a mulher? Mais uma vez, Zilberman traz que:

Evidencia-se o modo como o escritor brasileiro aceita compor um romance na contracorrente das ideologias vigentes e das tendências literárias dominantes. Ao romper com os paradigmas literários e sociais relativos ao adultério e à condição da mulher na sociedade brasileira, ele produz uma obra revolucionária que acabou por se converter em um clássico respeitado pela história da literatura brasileira. (ZILBERMAN, 2008, p. 95).

Em suma, é inaceitável que capas recentes, isto é, do século XXI representem Capitu de maneira tão tendenciosa e machista. Infelizmente, há muitas edições brasileiras que assim o fazem. Exemplo disso é a terceira capa a ser analisada, que, de novo, mostra a personagem Capitolina adulta e, novamente, no momento de seu casamento com o personagem Bento Santiago.

Figura 3: Dom Casmurro



Fonte: Editora Globo

A problemática desta capa da Editora Globo segue as problemáticas da capa da Editora Ática, ou seja, prioriza o momento do enredo em que Capitu e Bentinho finalmente se casam. Entretanto, a ressalta que se faz, é, de novo, a respeito do *discurso imagético* implícito nestas capas, que interferem diretamente ou indiretamente no *horizonte de expectativas* do leitor da obra.

Isto é, quando uma edição do romance *Dom Casmurro* carrega em sua capa uma Capitu no momento de seu casamento, carrega, também, implicitamente, a ascensão dela em seu meio social da época. No entanto, reduz, novamente, o romance à dissimulação de Capitu e a sua vontade de ascender socialmente. Portanto, interferindo no *horizonte de expectativas* do leitor, insinuando, de antemão que Capitolina somente se casou com Bento Santiago por segundas intenções.

Exemplo disso é o fato da Editora Globo ter produzido uma capa em que o casamento esteja sendo registrado, por meio da fotografia, e mostrando, mais uma vez, o grande acontecimento: o casamento. Contudo, o que implica a crítica aqui feita é a influência que discursos como estes provocam na vida real - a vida imita a arte, não é?-. Capas como essas, que mostram uma mulher interesseira acabam por reforçar estereótipos e preconceitos que há muito tempo o movimento Feminista tenta refutar.

Portanto, o *discurso imagético* não influencia somente no *horizonte de expectativas* no que tange o discurso literário, mas, também, neste caso, há outros discursos, como, por exemplo, o discurso distorcido em relação à figura da mulher perante a sociedade. Por fim, cabe ressaltar o cuidado que as editoras deveriam tomar ao escolher a arte de uma

capa, pois além de interferir no discurso verbal do autor da obra, podem interferir, também, na reprodução de discursos machistas e estereotipados.

4 Considerações finais

Ao observar o *corpus* nota-se o a falta de neutralidade das editoras, visto que a personagem Capitu é representada como uma mulher frágil, na maioria das vezes com o rosto longe ou desfocado. O que se espera é uma capa mais condizente com o conteúdo, que realmente represente a personagem criada por Machado de Assis.

Por fim, ao longo do processo, percebeu-se que determinadas capas induzem a interpretação do leitor a pensar que Capitu traiu Bentinho, enquanto outras romantizam a figura desta, o que vai de encontro ao estilo crítico e realista do autor nesse contexto.

Pois, mesmo Capitu sendo uma mulher forte e determinada, as leituras feitas das capas analisadas não a consideram como uma heroína ou uma mulher inspiradora para a sociedade da época (e para a atual), e sem perceber (ou não) acabam por rotulá-la. A personagem também é descrita como um enigma, enigma esse que as editoras decifraram e colocaram na capa, limitando-a já no primeiro contato do leitor com o livro, pelas capas.

Referências

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1994. 128 p. JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78p

MENDES, Maria Danielle. BENITES, Sonia Aparecida L. **Análise do Discurso Imagético: a Representação da Família Obama no Jornal Folha de S. Paulo**. In: Gláuks v. 10 n. 1. p.177-197. Minas Gerais. Out-Mar 2010.

MONTENEGRO, F. **Uma nação Capitu**. Revista Época on line. Editora Globo S.A. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/especiais/rev500anos/olhar.htm>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso : princípios & procedimentos**. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Recepção e leitura no horizonte da literatura**. In: Alea: Estudo Neolatinos, vol.10 no.1. Rio de Janeiro, Jan./June 2008. 85-97 p.